

A ESCRITA COMO DOM LOUCURA DO PODER

Carolina Villada Castro



Imagens | José Fernandes

(detalhe: Cordas, 2012, acrílica s/ tela)

Polichinello

No fundo vazio do despotismo traça- se o umbral da escrita:
espiral da transgressão onde se desloca indefinidamente a lei despótica para
recusar seu anonimato,
só a insurreição perpétua como lei.

Que poder pela escrita?
Talvez só um poder neutro: o outro do poder,
greta que devora a onipotência negadora e reativa do despotismo do poder em
sua efetuação,
só o poder virado em im- poder,
pura potência de contra- efetuação.
Exterioridade do im- poder em seu fluxo errante,
sempre em subtração,
sempre retornando diferente.

...traços infinitos do vento na areia do deserto...

A mano que então escreve agencia uma potência anônima e infinita:
... "*a paixão da diferença*" ...
inversão do poder pelo im- poder,
movimento sempre em diferir onde cresce o fluxo selvagem transbordando a
garra multiforme do despotismo que tenta delimitá-lo.
Potência vã do im- poder da escrita
virando o ato déspota na sobre- abundância da impugnação,
espectro terrível do que sobrevive ao *des-astre*...
força insurrecta da contra- efetuação
forte em seu desamparo,
excessiva em sua indigência,
potentíssima em sua ineficácia!

...longo soluço animal do ultimo homem povoado por manadas!...

Talvez um deserto em crescimento,
a escrita traça uma linha de fuga ao despotismo
acolhendo hordas só para prolongar sua errância,
preservando suas alteridades pela multiplicação de sua diferença,
comunidade sem comunidade baixo o céu preto do desastre...

...Hospitalidade da escritura como dom!...

Responsabilidade extrema da escritura
no desvio da transação moral, jurídica e econômica da dívida e da culpa,
no desvio da normalização do extermínio pela sobrevivência dos Estados a seus
genocídios,
Ainda mais, responsabilidade impossível da escritura virando a morte do outro
em sua ausência infinita como dom...
loucura do dom além de quaisquer contrato,
só gasto de um poder vazio.

Passividade de uma subjetividade sem sujeito que escreve
...espectro de uma dor infinita...
donando- se na hospitalidade extrema de seu anonimato,
para dar- o -lugar às alteridades que vêm a reverberar,
vigia ativa onde se esgotam os restos de ipseidade
...solto de tudo, até de seu desprendimento...

"vou, vou, duro crescimento no coração"
Fica esta debilidade indestrutível,
loucura da subjetividade sem sujeito,
vida-amizade com os desconhecidos que não voltam mais,
*comunidade de moribundos vadiando no deserto da escrita em cuja spectralidade brilha a
vacuidade do despotismo.*

Dar a palavra na ausência interpeladora do outro
expropriando o ressentimento que trafica justiça,

evitando o esquecimento que alimenta as mutações do despotismo,
cuidado das alteridades viradas espectros,
burburinhos anônimos que correm pelas ruas,
crescendo nos bordes das cidades,
o canto impossível das vozes:
..."fala de infinito, fala de morte baldia e de só Nada"...

Restância do canto que vira infinita a ausência

Potência vã da escrita na impugnação do poder:
loucura do poder des- fundado pelo im- poder da escrita,
espaço nômade de desterritorialização do poder,
insurreição perpétua dos mortos virados espectros,
força selvagem e centrífuga que cresce no fora.

Nas ruas dos povos dos mortos
propaga-se o burburinho monótono: Não esquecer!
passando-se entre as bocas errantes dos testemunhas
Miríades de luzes renovam a velada imemorial,
os passos infatigáveis ritmam a invocação ardorosa dos ausentes,
comunidade de moribundos sem lei nem pacto,
só ritual do dom
loucura da responsabilidade!

No coração da ausência ruge o chamado imemorial das hordas selvagens,
errando soberanas no deserto,
debilidade indestrutível onde me perdo entre dunas levadas pelo vento
;acolhe- me vento,
dispersa- me entre elas!

- ¹ Blanchot, *La conversación infinita*, Madrid: Arena, 2008, p. 209.
- ² Blanchot, *El último hombre*, Madrid: Arena, 2001, p. 61.
- ³ Blanchot, *La escritura del desastre*, Caracas: Monte Ávila editores, 1990, p. 18.
- ⁴ Celan citado por Blanchot *El último hombre*, *Op. cit.*, p. 84.
- ⁵ Celan citado por Blanchot, *Ibíd.*, p. 80.

Carolina Villada Castro, foi professora cátedra no Instituto de filosofia da Universidade de Antioquia Medellín-Colômbia. Pesquisa as relações entre pensamento, ética e micropolítica a partir de linhas de indagação como: 1. pensamento, fora e nomadología 2. escrituras nômade, 3. Cartografias de práticas micropolíticas.
